

Os trotskistas e o levante comunista de 1935



Por **MICHEL GOULART DA SILVA***

A crítica trotskista ao levante de 1935 centrou-se na rejeição da frente policlassista da ANL, vista como um desvio stalinista que substituiu a liderança operária pelo prestígio tenentista, resultando em derrota e desmoralização da esquerda

1.

O levante liderado pela Aliança Nacional Libertadora (ANL), entre 23 e 27 de novembro de 1935, deve ser compreendido no contexto da intensa crise política e social que marcou o Brasil sob o governo Getúlio Vargas. Na época, os trotskistas foram críticos dessa política, defendida pelo Partido Comunista do Brasil (PCB), e viram o avanço da repressão, em especial com o Estado Novo.

A ANL surgiu como uma frente política de caráter policlassista, formada por setores diversos, incluindo militantes do tenentismo insatisfeitos com Vargas, camadas médias e setores do movimento operário. Figura central nesse processo, Luiz Carlos Prestes, dirigente do PCB, tem sua biografia marcada pela articulação com o tenentismo, movimento de oficiais jovens que expressavam insatisfação com a ordem política da República Velha. Luiz Carlos Prestes passou a militar no PCB em 1934, sendo parte da guinada militarista no partido.

Os trotskistas eram críticos dessa aproximação entre stalinismo e tenentismo. Organizados em torno da Liga Comunista Internacionalista (LCI), os trotskistas criticavam a ANL e o levante de 1935. Para os trotskistas, a ANL expressava a colaboração de classes e se colocava como um entrave à luta dos trabalhadores pela revolução socialista.

Os trotskistas afirmavam: “A Aliança Nacional Libertadora é uma tentativa de criar no Brasil uma corrente intermediária entre o movimento revolucionário do proletariado, representado ainda no Brasil por força de inércia, pela PC stalinizado e grupos circunvizinhos, e os partidos burgueses liberalóides, destroços do tenentismo etc., representantes da burguesia adiantada e da pequena burguesia”.[\[i\]](#)

Segundo a Liga Comunista Internacionalista, a ANL tinha como inspiração o Kuomintang, partido da burguesia chinesa, apoiado pelos comunistas na revolução de 1927. Nesse processo, o Kuomintang não apenas traiu o processo revolucionário como perseguiu os comunistas, que inclusive tinham aderido às suas fileiras. Segundo os trotskistas, a ANL era uma “invenção artificial de Kuomintang”, criada “não da própria necessidade da burguesia nacional em arrastar a massa a uma luta contra o imperialismo e o capitalismo estrangeiro, mas dos erros e fracassos da política do próprio partido que se diz representante do proletariado”.[\[ii\]](#)

2.

No começo da década de 1930, os trotskistas apontavam uma grave crise política e organizativa do PCB, resultado

sobretudo da sua vinculação ao stalinismo e à política do chamado “terceiro período” da Internacional Comunista. Esta política conduziu o partido a um sectarismo extremo, que negou a possibilidade e necessidade de frentes únicas com outras organizações dos trabalhadores, aprofundando a divisão da classe frente às ameaças autoritárias. O principal desastre provocado por essa política foi a ascensão do nazismo na Alemanha, quando o partido comunista recusou a constituição de uma frente única com o partido social-democrata alemão.

Os desastres provocados por essa linha política levaram a mudanças, tanto em âmbito internacional como nacional. O PCB oscilou para uma posição de aliança com setores da pequena burguesia, materializado na ANL. Para os trotskistas, essa postura manifestava uma transição oportunista e aumentava a confusão política entre os trabalhadores, diluindo um projeto de revolução em meio a uma frente ampla com setores contrarrevolucionários.

O PCB, segundo os trotskistas, “chegou muito tarde à constatação de que as massas, no Brasil, ainda estão atrasadas politicamente. Mas ele chegou a esta constatação, não por uma análise marxista, objetiva, da situação, empiricamente, pelo seu próprio fracasso político, pelos próprios desastres de sua ação, quando se viu, ao fim de todos os esforços que faz, de toda a agitação, de todo o espalhafato dos últimos tempos, num beco sem saída, afastado completamente das grandes massas profundas do proletariado. E em vez de procurar as causas verdadeiras desse fracasso e isolamento nos seus próprios erros, na sua linha política – os stalinistas caíram no extremo oposto e passaram a menosprezar a consciência política do proletariado brasileiro, a capacidade de classe operária em guiar-se politicamente pelos seus próprios interesses tanto imediatos como históricos e revolucionários”.[\[iii\]](#)

Esse processo levou a desdobramentos em elaborações teóricas. Os trotskistas afirmavam que, na compressão desenvolvida pelos stalinistas, “a força motriz principal da revolução já não é o proletariado, mas a pequena burguesia. O instrumento principal da revolução, da realização da aliança operária e camponesa, não mais o partido da vanguarda, o partido forjado por Lênin, o partido bolchevique, mas um ‘movimento’ de pequenos burgueses pela libertação nacional do Brasil, isto é, pela burguesia nacional”.[\[iv\]](#)

No contexto do levante de 1935, o desastre da política defendida pelo PCB, produto da confluência entre prestismo, militarista pequeno-burguês e stalinismo, ficou evidente em sua aventura militar. O levante, iniciado em Natal, Recife e Rio de Janeiro, foi rapidamente sufocado, resultando em repressão violenta que prendeu milhares de militantes, fechou organizações e aprofundou a crise do movimento operário. Segundo a Liga Comunista Internacionalista, “o sórdido oportunismo ideológico em que caíram os stalinistas foi coroado pela aventureirismo golpista mais descabelado”.[\[v\]](#)

3.

Os trotskistas criticaram o PCB tanto por seu sectarismo herdado da política do terceiro período como por cair na armadilha do oportunismo ao compor a ANL com setores radicalizados na pequena burguesia, ao invés de manter a independência política do proletariado. Segundo os trotskistas, “quanto mais o tempo avançava, tanto mais o stalinismo brasileiro, isto é, o prestismo, marchava resolutamente para a direita, à cata de aliados, abrindo mão dos últimos vestígios marxistas, até mesmo em matéria de simples terminologia”.[\[vi\]](#)

O levante de 1935 sofreu uma repressão violenta por parte do governo de Getúlio Vargas, que rapidamente esmagou os focos de insurreição. O movimento, que esperava ampla adesão das massas e apoio dos quartéis, fracassou rapidamente com o endurecimento da repressão militar e policial.

Os trotskistas assim narraram o processo: “o golpe preparado na sombra de uma clássica conspiração de quartel foi instantaneamente reprimido, sobretudo no Rio, onde a abstenção da massa foi completa. O governo pôde esmagá-lo, assim, em algumas horas, com uma ferocidade de bandidos alucinados, antes de o proletariado poder tomar conhecimento do que se passava. A vanguarda do proletariado foi apanhada de surpresa, e nada pôde fazer”.[\[vii\]](#)

Embora em alguns lugares, como em Natal, o levante tenha conseguido resistir um pouco mais do que em outras cidades,

de forma geral o que se viu foi a rápida contenção dos rebeldes pelas forças de repressão do Estado.

Os trotskistas assim destacavam o processo: “No Norte, apesar de uma participação mais ativa, mas ainda assim precária, de certas camadas populares, apesar da repressão ter sido inicialmente menos feroz que no Rio, a rebelião ter-se prolongado mais tempo, chegando mesmo a obter considerável êxito no começo, como em Natal, onde os revoltosos se viram por alguns dias senhores da cidade, ainda assim o movimento ficou isolado, não tendo tido condições ou oportunidade para ligar-se às massas, e aprofundar-se”.[\[viii\]](#)

Como resultado, houve milhares de prisões de militantes comunistas, simpatizantes da ANL, trotskistas, socialistas e anarquistas, muitos dos quais sequer tinham participado diretamente do levante. As lideranças da ANL foram presas ou perseguidas, com casos emblemáticos como a prisão de Luiz Carlos Prestes, em 1936, e a deportação de Olga Benário para a Alemanha nazista, onde foi executada. A repressão serviu também para justificar o aperfeiçoamento do aparato repressivo do Estado, culminando no golpe institucional que implantou a ditadura do Estado Novo, em 1937, com restrições severas à liberdade política e ao movimento operário.

4.

As consequências para a situação política da esquerda foram desastrosas e profundas. A derrota do levante de 1935 marcou o início de um período de dispersão e desmoralização das organizações comunistas e revolucionárias no Brasil. Segundo os trotskistas, “a capitulação vergonhosa feita à classe inimiga acrescida com a ausência de participação das massas criaram uma situação de profunda desmoralização para a doutrina e política comunista”.[\[ix\]](#)

O PCB, esmagado pela repressão, deslocou-se para uma política de conciliação de classes sob a orientação stalinista em âmbito internacional, abandonando a linha da insurreição armada para priorizar alianças com setores pequeno-burgueses, o que aprofundou sua crise organizativa e política. A derrota também abriu caminho para o recrudescimento da repressão estatal, impondo duras limitações à ação das forças de esquerda nas décadas seguintes.

A repressão ao levante consolidou um período de imposição da ditadura Getúlio Vargas, reforçando as críticas trotskistas ao PCB e ao fracasso das estratégias de frentes com setores da burguesia e da pequena burguesia. O resultado foi uma derrota amarga para o movimento operário e popular brasileiro, que ficou marcado pela repressão e pela perda de força política.

***Michel Goulart da Silva** é doutor em história pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e técnico-administrativo no Instituto Federal Catarinense (IFC).

Notas

[\[i\]](#) “A Aliança Nacional Libertadora e a confusão do movimento operário” (25/06/1935). In: ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis (orgs.). *Na contracorrente da história: documentos do trotskismo brasileiro 1930-1940*. São Paulo: Editora Sundermann, 2015, p. 218.

[\[ii\]](#) Idem, ibidem.

[\[iii\]](#) Idem, p. 219.

[\[iv\]](#) “A Aliança Nacional Libertadora e a confusão do movimento operário” (25/06/1935). In: ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis (orgs.). *Na contracorrente da história: documentos do trotskismo brasileiro 1930-1940*. São Paulo: Editora Sundermann, 2015, p. 223.

[v] “O desastre de novembro e o naufrágio do stalinismo e do prestismo” (01/04/1936). In: ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis (orgs.). *Na contracorrente da história: documentos do trotskismo brasileiro 1930-1940*. São Paulo: Editora Sundermann, 2015, p. 243.

[vi] “O desastre de novembro e o naufrágio do stalinismo e do prestismo” (01/04/1936). In: ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis (orgs.). *Na contracorrente da história: documentos do trotskismo brasileiro 1930-1940*. São Paulo: Editora Sundermann, 2015, p. 245.

[vii] Idem, p. 248.

[viii] Idem, p. 248-9.

[ix] Idem, p. 249.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA